

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**A LEITURA COMO PRÁTICA PROMOTORA DA
CONSTRUÇÃO CRÍTICA E AUTÔNOMA DO
CONHECIMENTO**

OLDONI, Cristiano.ⁱ
PASSAMANI, Susimara Fagundes.ⁱⁱ
FREITAS, Ernani Cesar de.ⁱⁱⁱ

1. Introdução

Enxergar melhor o mundo, compreender e compreender-se dentro da sociedade, descobrir os diferentes aspectos da vida. A leitura realizada atualmente na escola converge para este norte? São urgentes questionamentos acerca da metodologia da leitura no dia a dia escolar e também de seus objetivos. Promover o desenvolvimento da leitura crítica do estudante não é tarefa fácil, visto que a formação de qualquer leitor considera também o âmbito familiar, onde a criticidade começa a ser desenvolvida a partir de contrastes discursivos. É em meio a discordâncias enunciativas que o ser humano é capaz de se tornar um leitor que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem. A partir do ingresso da criança na escola, inicia a tarefa do professor, como mediador, de ressignificar a bagagem crítica que essa criança traz de seu mundo, com metodologias e suportes que irão motivá-la a ser crítica e reflexiva em suas leituras.

No que tange ao trabalho da escola, não basta propagar a ideia de que se formam cidadãos para o mundo, se a metodologia de estudo da língua apenas resguarda e adornece a criticidade do estudante. O texto, enquanto concretização de processos discursivos, possibilidade de interação entre sujeitos, carrega ideias, posicionamentos, incitações, desafios. Desafios estes que muitas vezes acabam marginalizados por uma prática “rotinizada” que esquece de buscar, a fundo, o objetivo principal de existir do próprio texto: a representação de discursos, o diálogo entre sujeitos.

Se, de fato, se busca uma interação entre sujeitos-interlocutores e destes com a sociedade de forma ativa, torna-se necessário enfatizar, no processo de construção de conhecimentos, uma leitura que desperte para as causas sociais, que insira o estudante como sujeito-construtor de sua história e de sua sociedade, uma leitura que supere a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

decodificação de símbolos grafados e atinja determinada autonomia que permita ao indivíduo (além de ler) analisar, refletir, questionar e interferir em seu meio. Neste contexto, torna-se inevitável problematizar o papel da escola: posiciona-se como agente que forma e transforma? Oferta ao estudante estímulos que aprimorem esta habilidade reflexiva? Trilha com ele um caminho em busca da construção de uma opinião crítica?

Por meio desses questionamentos, destacamos que se faz necessário que a escola assuma e cumpra um papel que, institucional e socialmente foi conferido a ela: o de formar cidadãos que leem seu universo. É notório que, independentemente da posição que se ocupa no meio social, todos têm o que dizer: a sua história, a sua percepção de mundo. E a leitura crítica é a única que pode conferir a todos a habilidade de “saber dizer” e de “poder dizer”. O discurso de cada um é, assim, avalizado pela forma como se lê aquilo que se lhes apresenta cotidianamente. O grande problema é que nem todos se encontram capacitados para essa leitura. As práticas sociais são totalmente dependentes da maneira como se vê/lê a sociedade e poder ver/ler o que circula por ela é indispensável para a “sobrevivência autônoma”. É assim que a leitura crítica consolida-se como instrumento de compreensão do funcionamento da linguagem social e culturalmente situada contribuindo na formação de sujeitos legitimamente letrados.

Esse estudo tem por objetivo reconhecer a leitura crítica, através de gêneros multimodais, como recurso fundamental na busca autônoma de conhecimentos significativos para as práticas sociais do indivíduo e baseia-se nas contribuições de Rojo (2000), Petit (2008), Marcuschi (2008) e Dionísio (2006) acerca dos multiletramentos e da leitura na contemporaneidade.

2. Escola, leitura e multiletramentos

A leitura crítica inclui o leitor como sujeito de um contexto e assegura a ele a possibilidade de avaliar, aceitar e, se julgar necessário, refutar a realidade apresentada. Conforme PETIT (2008), “ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita”. E, nessa perspectiva, sendo parte de uma

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

sociedade fundamentalmente grafocêntrica, que moderniza progressivamente suas abordagens discursivas, os suportes multimodais fornecem os mecanismos necessários para uma compreensão de textos em sua essência, já não mais observados apenas na sua superfície ou estrutura. Isso porque urge a necessidade de introduzir o leitor em um mundo contemporâneo, onde a multimodalidade é possibilitadora de leituras inter-relacionadas de todos os elementos do texto, desde o verbal até o não verbal: “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” (DIONÍSIO, 2006), abarcando textos com mais de um sistema de criação de sentidos e que fazem parte do contexto do estudante, inserido num mundo repleto de possibilidades discursivas. São esses recursos que, na sua decodificação, representarão a construção de variados sentidos, pois, ao ler, o aluno é exposto a uma grande quantidade de estímulos verbais, sensoriais e visuais, propiciadores de motivações mais amplas.

O multiletramento, de acordo com Rojo (2000), é a “capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido”. Nessa modalidade estão inseridas potencialidades de representações que vão além da leitura enquanto aplicação de uma tecnologia; há a efetiva realização de sentidos produzidos por uma cultura, um conjunto histórico e social, por signos num contexto comunicativo específico. Isso mostra como é importante a figura do professor como possibilitador de textos de gêneros multimodais para que o estudante se configure como um leitor crítico e capaz de viver em uma sociedade onde só conquista espaço quem consegue interpretar, analisar criticamente uma situação e dar alguma contribuição social.

O cenário contemporâneo de veiculação de informações e concretização da comunicação não somente possibilita como também estimula a “multimodalização” de gêneros. Até mesmo gêneros que classicamente se apoiam na linguagem verbal têm aberto espaço para recursos não-verbais. É o caso, por exemplo, de produções acadêmicas que se valem de instrumentos gráficos e até mesmo audiovisuais. E é justamente a popularização dos gêneros multimodais que torna o momento propício à criação e desenvolvimento de novas técnicas e materiais de apoio pedagógico.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

3. A configuração da charge como gênero multimodal

Objetivando o reconhecimento da importância da leitura crítica e plena dos textos de gênero multimodal como prática promotora da construção efetiva do conhecimento, propõe-se a análise de duas charges. Em relação a esse gênero, somente se pode obter uma descrição completa considerando-se sua natureza multimodal. Conforme Dionísio (2006), essa natureza multimodal está relacionada com a integração de mais de um tipo de recurso ou linguagem (como verbal e visual) na produção de sentidos. Em virtude da popularização das charges, que tanto interesse têm despertado no público jovem, justifica-se a necessidade de apreensão em sua totalidade. Daí surge também sua relevância didático-pedagógica: a charge transforma-se em importante recurso para estudo linguístico. E não seguir o desenvolvimento e a atualização das tecnologias nos planos de ensino é privar o estudante de conceber um mundo cheio de possibilidades, é não reconhecer o contexto tecnológico que é parte integrante da vida de qualquer cidadão. Nas contribuições de Rojo e Moura, “ocorre que, se houve e se há essa mudança [...] deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças” (ROJO, 2012).

No gênero charge, assim como nos demais de natureza multimodal, a linguagem exclusivamente verbal não dá conta de veicular os sentidos produzidos. Textos multimodais (concretização/materialização do fazer discursivo) constroem-se por diferentes planos, que se engendram para projetar sentido. Então, cabe que se questione quais elementos linguísticos verbais e não verbais materializam a construção do gênero charge e que funções desempenham os sistemas diversificados de criação de sentido dentro de um mesmo gênero na elaboração comunicativa eficaz.

3.1. A natureza multimodal da charge

A análise da charge enquanto gênero (manifestação discursiva como prática social, cultural, histórica e ideologicamente situada) é pautada na multimodalidade, implicando um sujeito-leitor multiletrado que, construindo sentidos a partir da leitura,

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

percebe-se instrumentalizado para a construção crítica e autônoma do conhecimento, capaz de manusear a pluralidade, principalmente das manifestações discursivas.

A partir de Bakhtin (2003), como são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana, também o são suas representações discursivas e, conseqüentemente, a abrangência das abordagens didáticas dos gêneros que representam tais atividades devem acompanhar tal movimento. Também Marcuschi (2008) aborda o gênero como realizações linguísticas que se definem por meio de aspectos sócio-comunicativos. Aproveitando-se das considerações expostas, tem-se uma das charges em análise, intitulada “Falta de ar”, conforme Figura 1, de Ivan Cabral (2009), que, enquanto texto multimodal, vai além de uma leitura pura e simples, pois as imagens confirmam um cenário alarmante que retrata a realidade da saúde pública no Brasil.

Figura 1 – Charge “Falta de ar”



Fonte: Cabral (2009)

Está claro, principalmente pelas expressões faciais dos personagens, expressos pelos reforços imagéticos da charge, que o discurso do paciente é permeado de uma carga de angústia e desânimo devido à queixa sobre a falta de ar. Visualmente, também percebe-se ressaltada a condição social do paciente, possivelmente em situação de risco, já que se apresenta à consulta médica sem calçados e camisa. Em resposta, reforçando esses sentimentos e ainda carregados com gestos de decepção e revolta, o médico também faz sua queixa, o que torna a charge a expressão de um humor sarcástico, porque brinca (observe-se a marca linguística “Só?” no início da resposta, construindo a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ideia de que o problema do paciente é pequeno diante da realidade) e critica o fato de estar impotente diante do paciente e que o hospital público precisa de equipamentos para atendê-lo, caso contrário, intervenções não serão possíveis.

Tem-se, portanto, a partir das leituras, a inferência de um texto multimodal carregado de sentidos direcionado ao humor, à crítica social, à ironia e aos problemas de saúde, propriamente ditos. Além do mais, está implícito o fato de se tratar de um hospital público, que apresenta limitações e problemas, como é de conhecimento geral. Essas análises imagéticas e verbais da charge, quando esmiuçadas, podem ser amplamente esplanadas por se tratar de texto de gênero multimodal, que promove leituras que vão além da superfície linguística, com estrutura não fixa e que requer maior observação, criticidade e atenção do leitor. E essa capacidade de leitura é o professor, como intermediário, que deve possibilitar ao seu estudante em sala de aula para torná-lo multiletrado. Essa demanda comunicacional é, na verdade, uma responsabilidade importante, visto que se vive hoje num mundo globalizado e permeado por diferentes textos. É fundamental formar leitores críticos, portanto, abertos às mais ínfimas possibilidades e discussões. Rojo e Moura (2012) complementam, em relação a isso, que “multiletramento implica letramentos críticos e exige agência por parte do alunado”. A leitura crítica oferece ao estudante-sujeito possibilidades de experimentação de discursos variados e tomá-los construindo o próprio discurso.

Ainda numa análise que implica a tomada do texto enquanto manifestação multimodal, a charge exige do leitor uma maior compreensão de mundo na contemporaneidade. A segunda charge em análise, também de Ivan Cabral (2007), conforme Figura 2, tem como temática fundamental a ética, numa perspectiva de atitudes, trazendo em sua estrutura imagética dois personagens: a professora e seu aluno. Ela, representando uma postura autoritária refletida em sua postura física (mãos atrás do corpo, expressão facial fria, rosto erguido, enfatizado pelo grande nariz) engendradora à ordem dada, marcada linguisticamente pelo verbo no imperativo, manda seu aluno escrever na lousa a palavra “ética”. O menino dispõe-se a fazê-lo, porém percebe que alguém havia roubado o giz e verbaliza à professora o fato.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Figura 1 – Charge “Ética”



Fonte: Cabral (2007)

No texto da Figura 2, a semiótica e a linguagem verbal funcionam aplicadamente, as imagens são usadas de modo que os planos visual e verbal constroem conjuntamente o sentido e transmitem a informação. Assim, levando em consideração toda a apresentação do texto em análise, compreende-se as palavras e imagens em todas as suas manifestações: os elementos internos se combinam entre si para comunicar um “todo coerente”, expressando significados determinados.

Conforme o semiólogo Barthes (1984), “toda imagem é polissêmica, implicando, subjacente aos seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros”. Sendo assim, a semiótica é fundamental para entender os signos dessa charge desde os gestos da professora até a expressão “ética”, que remete ao contraste com o roubo do giz. E numa abordagem mais ousada, por ser um texto de cunho crítico, pode-se interpretar que a professora, ao trabalhar a ética com seus alunos, não tem por parte deles resposta atitudinal favorável. Esse olhar faz com que haja aprofundamento no movimento interno das mensagens para captar seu referencial em um contexto amplo.

Nesse âmbito, torna-se inegável a importância do professor como mediador entre estudante-sujeito, leitura, texto e contexto. É ele quem decide, em última instância, qual vai ser o objeto de leitura em suas aulas. A consciência de que leitura crítica tem como consequência melhorias sociais pode aguçar os critérios e dispositivos de escolha de textos enquanto materiais de apoio didático à educação linguística.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

4. Considerações finais

Diante do que foi comentado na análise, ler não significa somente dar significado ao texto, é proporcionar ao estudante, a partir da mediação do professor, uma postura de agência diante de qualquer representação discursiva, uma postura em que o leitor é fundamental no processo de construção de sentidos, que promove a criticidade e a ação reflexiva no ato de ler, não só num contexto específico, mas numa amplitude que vai além do texto lido, que transforma e ressignifica esse texto numa ação social transformadora, na busca da (re)descoberta dos diferentes aspectos da vida.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *Retórica da imagem*. In: O óbvio e o obtuso. Lisboa: Edições 70, 1984.
- CABRAL, Ivan. *Ética*. Disponível em <<http://www.ivancabral.com/2007/06/tica.html>>. Acesso em: 28 de junho de 2013.
- _____. *Falta de ar*. Disponível em <<http://www.ivancabral.com/2009/02/charge-do-dia-falta.html>>. Acesso em: 28 de junho de 2013.
- DIONÍSIO, A. P. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ, 2000.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ⁱ Mestrando em Letras – PPGL/UPF; Especialista em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2005); possui Graduação em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2003).

ⁱⁱ Mestranda em Letras – PPGL/UPF; possui graduação em Letras - Português e Espanhol pela Universidade da Região da Campanha (2002).

ⁱⁱⁱ Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor permanente do PPG em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).